

Enquanto o Seu Lobo não vem

Na calada da noite, o estacionamento do Parque do Ibirapuera se transforma no “Autorama”, concorrido ponto de encontro e paquera dos homossexuais de São Paulo

POR THIAGO MAGALHÃES
2º JOD

“OI MÃE, aqui é o Igor. Estou com uns amigos aqui na Vila Madalena e conheci uma ‘mina’. Não vou dormir em casa hoje, tá? Um beijo”. Com esse recado deixado na secretária eletrônica, o estudante de direito Igor*, 20, garantia o sono tranquilo de sua família na noite do último sábado. O que seus pais jamais saberiam é que a “menina” que Igor havia conhecido era na verdade o estudante de enfermagem Estevão, 22 – e os dois estavam trocando beijos demorados sob a luz do luar, no estacionamento do Parque do Ibirapuera, que à noite se transforma no chamado “Autorama”.

Quem só frequenta o parque quando está claro não imagina que aquele espaço assumira uma vocação tão inusitada após o anoitecer. Durante o dia, a área é um simples estacionamento, que serve também ao público dos eventos do prédio da Bienal, a poucos metros de distância. Para usar as vagas, é preciso colocar um cartão de zona azul – que ali tem sua validade estendida para até quatro horas, por determinação da Prefeitura. Algumas árvores nos canteiros centrais amenizam a presença maciça do concreto. Na parte dos fundos, uma fila de aprendizes treina para a prova de direção da moto-escola.



A “troca da guarda” começa após as 20 horas

Quando escurece, opera-se ali uma espécie de “troca da guarda”. Aos poucos, os veículos dos esportistas do parque vão dando lugar a outros, dirigidos por homens solitários, de olhar desconfiado, que dão repetidas voltas pelo local, como se estivessem em um autódromo. Esse novo fluxo de carros depois das 20h tem um propósito bem específico: a paquera entre gays. Para abastecer o público noturno, surgem barracas de cerveja e cachorro-quente, montadas em uma das calçadas, que vira uma praça de alimentação improvisada. Às 23h de sábado, o Autorama já está lotado.

Antes da construção do estacionamento, homossexuais já circulavam pela região durante a noite, especialmente ao longo da Rua IV Centenário. “Quando abriram o Autorama, o povo que ‘caçava’ nas imediações logo adotou o lugar e passou a ‘caçar’ aqui”, conta o funcionário público Armando, 45. “Isto virou uma espécie de praça de convivência gay. Os rapazes chegam de carro em grupos, ligam o som e ficam tomando cerveja e vendo o movimento. Dá para conhecer gente nova, sem ter que se expor indo a uma boate gay”, completa.



Os sábados são as noites de maior movimento no Autorama; homens de todas as partes terminam sua noite aqui

“Direto aos finalmentes”. A preocupação dos frequentadores com a discrição é bastante comum. Assim como Igor, muitos vêm escondidos de suas famílias, até mesmo por não quererem arcar com as consequências de assumir sua sexualidade no meio em que vivem. “O que tem de cara que deixa a namorada em casa e vem terminar a noite aqui... se eu te contar, você não acredita. É muito namoro de fachada!”, diverte-se Estevão, a última conquista de Igor. Confirmando o que descreveu o estudante, o movimento parece aumentar a partir das 4h da manhã. “Quem chega tarde não quer perder tempo, quer ir direto aos ‘finalmentes’, se aliviar e ir embora”, explica o vendedor Mário, 26.

Para chegar às vias de fato, muitos se refugiam dentro dos automóveis. Quem está a pé vai para os fundos do Autorama, onde há algumas árvores e um descampado inacessível aos carros. Os mais corajosos chegam até a pular as grades do parque. Para tentar contê-los, policiais da Guarda Civil Metropolitana fazem rondas periódicas por todo o entorno do estacionamento, em motos e viaturas. Mas isso não quer dizer que o Autorama seja um lugar seguro.

“Isso aqui está muito perigoso, não é mais o Autorama de cinco ou dez anos atrás”, compara o ortopedista Cláudio,

idade não revelada. “Hoje, você precisa ter medo da polícia e do ladrão. A polícia às vezes tenta extorquir até quem não está fazendo nada de errado. Sem falar que é uma loucura botar um desconhecido dentro do carro por causa de uma gozada rápida. Você não sabe mais quem é quem, às vezes só descobre tarde demais”. Seu amigo Caio, 31, advogado, sentencia: “Este deixou de ser um lugar para conhecer um namorado legal: tem cada vez menos gente honesta e mais michê”.

De fato, a presença de garotos de programa é ostensiva. Ao menor sinal de aproximação de um possível interessado, eles já acenam com seus dotes em riste, sem o menor constrangimento. O que não deixa de ser uma atração para os curiosos que também frequentam o local – muitos ficam dando voltas pelo lugar apenas em função dos michês, congestionando o trânsito.

“Paulistano pega engarrafamento até para caçar”, brinca o corretor de seguros Marcos, 39, carioca a passeio por São Paulo. Às cinco horas da manhã, as alamedas ainda têm tráfego digno de uma Avenida Paulista às 18h. Mesmo com os perigos da criminalidade, o velho Autorama continua tendo seu ibope.

**Os nomes foram trocados a pedido dos entrevistados.*

**“O que tem de cara que deixa a namorada em casa e vem terminar a noite aqui... se eu te contar, você não acredita. É muito namoro de fachada!”
Estevão, 22**